

# BÁSICO EM MACRAMÊ

Portal  
**IDEA**  
.com.br



# MÓDULO 3 — Peças Funcionais, Acabamento e Produção Inicial

## Aula 7 — Suporte para plantas em macramê

O suporte para plantas em macramê é uma das peças mais conhecidas e queridas dessa técnica artesanal. Ele une beleza e função: ao mesmo tempo em que decora o ambiente, também precisa sustentar um vaso com segurança. Por isso, esta aula marca uma passagem importante no curso. Até aqui, o aluno já aprendeu a preparar materiais, fazer nós básicos, planejar peças simples e interpretar padrões iniciais. Agora, esses conhecimentos serão aplicados em uma peça funcional, que exige atenção não apenas à estética, mas também à resistência.

Diferente de um painel decorativo, que permanece fixo na parede e tem principalmente função visual, o suporte para plantas precisa receber peso. Isso muda a forma de pensar o projeto. O aluno deve observar o tipo de cordão, a firmeza dos nós, o tamanho do vaso, o ponto de sustentação e o equilíbrio da peça. Guias introdutórios de macramê destacam que a técnica é muito usada para criar objetos de decoração, como painéis e suportes para plantas, geralmente com poucos materiais: cordão, corda ou fio e uma estrutura firme de apoio.

Antes de iniciar a produção, é preciso escolher um vaso adequado para o nível iniciante. O ideal é começar com um vaso pequeno ou médio, leve e de formato simples. Vasos muito pesados, largos ou irregulares podem dificultar o encaixe e exigir cálculos mais precisos. Para os primeiros exercícios, recomenda-se testar a peça com um objeto leve, como um pote

vazio ou vaso sem terra, antes de usar uma planta de verdade. Esse cuidado evita acidentes e permite corrigir possíveis falhas sem risco.

O material também deve ser escolhido com atenção. O cordão de algodão é bastante utilizado porque é maleável, tem bom acabamento visual e permite nós bem definidos. Para suporte de plantas, é interessante usar um cordão de espessura média, que seja confortável para trabalhar e tenha boa resistência. Fios muito finos podem não transmitir segurança visual e podem exigir muitos cordões juntos; fios muito grossos, por sua vez, podem dificultar o aperto dos nós e deixar a peça pesada demais para iniciantes.

A estrutura superior do suporte geralmente começa com uma argola, aro ou ponto de fixação. Essa parte será responsável por pendurar a peça em um gancho, suporte de parede ou teto. Em muitos modelos simples, os cordões são reunidos na argola e depois divididos em grupos para formar as laterais do suporte. Tutoriais para iniciantes costumam orientar a fixação dos cordões em uma argola ou anel antes da construção dos nós e da base que receberá o vaso.

O cálculo do comprimento dos fios é uma das etapas mais importantes. No macramê, os nós consomem parte do cordão, e o suporte para plantas costuma exigir fios longos, pois precisa formar alça, laterais e base. Uma regra prática bastante usada é estimar o comprimento do fio multiplicando o tamanho final desejado por cerca de quatro, acrescentando sobra para franjas e ajustes. Quando os fios são dobrados ao meio, essa conta precisa considerar a dobra, pois cada cordão cortado formará duas pontas de trabalho.

Apesar dessa regra ajudar, ela não deve ser vista como exata. O consumo real depende da espessura do fio, do tipo de nó, da tensão usada pelo aluno e do desenho da peça. Um suporte com muitas colunas de nó espiral, por exemplo, consumirá mais cordão do que um suporte com poucos

nós espaçados. Por isso, para iniciantes, é melhor trabalhar com uma pequena sobra do que correr o risco de faltar fio antes da finalização.

Para um modelo básico, o aluno pode iniciar com oito cordões longos de mesmo tamanho. Ao serem dobrados ou reunidos na parte superior, eles formarão vários fios disponíveis para trabalhar. Esses fios serão separados em grupos, geralmente de quatro em quatro, para a execução de nós quadrados ou espirais. O importante é manter a divisão organizada desde o começo. Quando os fios se misturam, o suporte pode ficar torto, e o vaso pode não se encaixar corretamente.

A primeira etapa prática é preparar a parte superior. O aluno deve reunir os fios na argola ou no ponto de suspensão e ajustar para que as pontas fiquem niveladas. Em seguida, pode usar um nó de agrupamento ou uma amarração firme para prender o conjunto logo abaixo da argola. Em alguns modelos de suporte, o nó de agrupamento é feito enrolando um cordão ao redor do conjunto principal, formando uma amarração limpa e segura.

Depois da parte superior, começam as laterais. Uma opção simples é dividir os fios em três ou quatro grupos e trabalhar cada grupo com nó espiral ou nó quadrado. O nó espiral cria movimento e dá um aspecto decorativo muito bonito. Ele é formado pela repetição do mesmo meio nó, sempre no mesmo sentido, fazendo a coluna torcer naturalmente. Já o nó quadrado cria uma estrutura mais reta e equilibrada, transmitindo sensação de firmeza. A Better Homes & Gardens apresenta o nó quadrado, o nó quadrado alternado e o nó espiral como técnicas essenciais para projetos decorativos em macramê.

Ao fazer as laterais, é importante medir a distância entre uma sequência de nós e outra. Se um lado ficar maior que o outro, o vaso ficará inclinado. Esse é um erro muito comum em suportes de plantas. O aluno pode fazer uma sequência bonita de nós, mas, se não conferir as medidas, o

peso do vaso ficará mal distribuído. Por isso, após terminar cada grupo, deve comparar o comprimento com os demais, ajustando antes de seguir para a próxima etapa.

A base do suporte é a parte que recebe o vaso. Ela deve ser feita com bastante cuidado, porque precisa abraçar o recipiente por baixo e pelas laterais. Normalmente, os fios de grupos diferentes são unidos em novos nós, formando uma espécie de rede. Essa rede sustenta o fundo do vaso e impede que ele escorregue. Se os nós da base ficarem muito afastados, o vaso pode passar entre os espaços; se ficarem muito próximos, talvez o encaixe fique apertado demais.

Uma boa prática é usar o próprio vaso como referência durante a montagem. O aluno pode posicioná-lo cuidadosamente dentro do suporte ainda em construção e observar onde os nós precisam ficar. Essa conferência evita que a peça seja finalizada antes de testar o encaixe. Em tutoriais de suporte para plantas, a etapa da “cesta” ou base é tratada como parte essencial, pois é ela que organiza os cordões para receber o vaso.

Depois que a base estiver formada, todos os fios geralmente são reunidos abaixo do vaso. Essa união final precisa ser firme. Alguns tutoriais recomendam fazer um nó grande e bem apertado abaixo do fundo do vaso, podendo até reforçá-lo, pois essa região ajuda a sustentar o peso da peça. Em um curso básico, é importante que o aluno entenda que esse acabamento não é apenas decorativo: ele também tem função de segurança.

O acabamento inferior pode ser feito com franja. A franja pode ficar curta, média ou longa, conforme o estilo desejado. Para um visual mais limpo, pode-se aparar as pontas de forma reta. Para um estilo mais artesanal e boho, pode-se deixar a franja mais longa e levemente desfiada. O mais importante é não cortar antes de testar a peça pendurada. Quando o suporte

está suspenso, os fios se acomodam de forma diferente, e a franja pode parecer desigual se for aparada com a peça deitada.

A segurança deve ser reforçada durante toda a aula. O suporte precisa ser testado antes do uso definitivo. Primeiro, o aluno deve colocar um vaso leve ou vazio. Depois, pode acrescentar peso gradualmente, observando se os nós escorregam, se a base abre, se a argola suporta bem e se a peça permanece equilibrada. Também é necessário verificar o gancho ou local onde o suporte será pendurado. De nada adianta uma peça bem-feita se o ponto de fixação na parede ou no teto não for seguro.

Outro cuidado importante é considerar o ambiente. Se o suporte ficará em área externa, o material pode sofrer ação de sol, umidade e sujeira. Cordões naturais, como algodão, podem absorver umidade e sujar com mais facilidade. Em ambientes internos, esse problema tende a ser menor, mas ainda é importante orientar o usuário a evitar excesso de água escorrendo pelo vaso. O macramê é resistente quando bem-feito, mas continua sendo uma peça artesanal que exige cuidado.

Entre os erros comuns, o primeiro é cortar fios curtos demais. Como o suporte para plantas exige comprimento, esse erro pode comprometer a peça inteira. Para evitar, o aluno deve calcular com folga e lembrar que nós espirais e quadrados consomem bastante cordão. O segundo erro é não medir as laterais. Se um grupo de fios fica mais longo, o vaso inclina. A prevenção é simples: comparar as partes durante a execução, não apenas no final.

Outro erro frequente é escolher vaso pesado demais para a primeira tentativa. O iniciante deve aprender a estrutura antes de trabalhar com peso elevado. Também é comum fazer a base muito aberta. Nesse caso, o vaso pode ficar instável. Para evitar, o aluno deve testar o encaixe antes de finalizar o nó inferior. Se perceber que o vaso não está seguro, deve ajustar a distância dos nós da base.

Também pode acontecer de o aluno se preocupar apenas com a aparência dos nós e esquecer a função da peça. Um suporte para plantas precisa ser bonito, mas precisa principalmente segurar. A estética não deve passar na frente da segurança. Por isso, a firmeza dos nós, a resistência do cordão e o equilíbrio do vaso são partes centrais da avaliação.

Para tornar a atividade mais didática, recomenda-se que o aluno produza um suporte simples para vaso pequeno, usando nós já conhecidos. A peça pode começar com argola superior, seguir com três ou quatro grupos de fios trabalhados em nó espiral ou nó quadrado, formar uma base com união dos grupos e terminar com nó firme e franja. Antes de considerar a peça pronta, o aluno deve pendurá-la, testar o encaixe do vaso e observar se ela permanece nivelada.

Ao final desta aula, espera-se que o aluno compreenda que o suporte para plantas é uma peça funcional e, por isso, exige responsabilidade. Ele deve saber escolher materiais adequados, calcular fios com margem de segurança, dividir os cordões em grupos, executar laterais equilibradas, formar uma base estável e testar a peça antes do uso. Esses cuidados tornam o aprendizado mais completo e aproximam o aluno de uma prática artesanal mais consciente.

A principal mensagem desta aula é que o macramê não serve apenas para criar peças bonitas. Ele também ensina planejamento, paciência e atenção ao uso real do objeto. No suporte para plantas, cada nó tem uma consequência prática. Um nó bem-feito sustenta, organiza e embeleza. Um nó feito às pressas pode comprometer toda a peça. Quando o aluno entende essa diferença, começa a produzir com mais segurança, autonomia e cuidado.

## Referências bibliográficas

BETTER HOMES & GARDENS. Como fazer nós de macramê para criar decoração artesanal. Better Homes & Gardens.

MARCHING NORTH. Como estimar o comprimento do cordão para macramê. Marching North.

MARCHING NORTH. Como fazer um suporte de plantas em macramê espiral. Marching North.

MARCHING NORTH. Suporte simples de plantas em macramê para iniciantes. Marching North.

HAPPYWOOL. Suporte de plantas em macramê: como criar uma peça boêmia de forma simples. Happywool.

Portal  
IDEA  
.com.br

## Aula 8 — Acabamentos, franjas e personalização

O acabamento é uma das etapas mais importantes do macramê, porque é nele que a peça deixa de parecer apenas um exercício e passa a ganhar aparência de trabalho concluído. Muitas vezes, o iniciante dedica bastante atenção aos nós principais, como o nó quadrado, o nó espiral e o nó cabeça de cotovia, mas chega ao final da peça com pressa. É nesse momento que surgem franjas tortas, fios mal cortados, pontas soltas, nós desalinhados e detalhes que poderiam ter sido corrigidos com calma. Por isso, esta aula trata do cuidado final como parte essencial da técnica, e não como algo secundário.

Uma peça simples, quando bem finalizada, pode transmitir mais beleza e qualidade do que uma peça cheia de nós diferentes, mas feita sem atenção ao acabamento. No macramê, o acabamento começa antes do último corte. Ele aparece na forma como os fios foram medidos, na regularidade dos nós, na tensão aplicada durante o trabalho e na escolha do tipo de finalização. Se a peça foi construída com organização, a etapa final se torna mais fácil. Se ela foi feita de maneira improvisada, o acabamento terá a difícil tarefa de esconder problemas que deveriam ter sido corrigidos antes.

As franjas são um dos acabamentos mais conhecidos do macramê. Elas podem aparecer em painéis de parede, chaveiros, marcadores decorativos, suportes para plantas, bolsas e peças pequenas. A franja dá leveza, movimento e textura ao trabalho. Em muitas peças, ela também reforça o estilo artesanal, especialmente quando os fios são penteados e aparados com cuidado. Guias de acabamento em macramê destacam que a peça pode terminar com franja, tasséis, nós de agrupamento, contas ou outros

tipos de arremate, e que a escolha do final muda bastante o estilo visual do trabalho.

Para fazer uma boa franja, o aluno precisa primeiro observar o tipo de cordão usado. Cordões torcidos de algodão costumam abrir com mais facilidade e permitem o efeito penteado. Já alguns fios sintéticos, encerados ou muito rígidos não se desfiam da mesma forma. Isso significa que nem todo material serve para todo tipo de acabamento. Se o objetivo é criar uma franja macia, aberta e volumosa, é melhor escolher um fio que permita esse efeito. Se o objetivo é deixar as pontas mais firmes e discretas, pode-se manter o cordão fechado, sem pentear.

A primeira etapa para preparar a franja é separar bem os fios. O aluno deve desfazer cuidadosamente a torção das pontas, quando o material permitir, e depois pentear aos poucos. Não é recomendável puxar com força, pois isso pode arrebentar fibras, deformar a peça ou abrir demais alguns pontos. O ideal é começar pelas pontas e subir gradualmente, como se estivesse desembaraçando cabelo. Esse processo exige paciência. Quando feito com pressa, a franja pode ficar irregular, embolada ou com aparência áspera.

Depois de pentear, vem o momento do corte. Essa etapa costuma causar insegurança, porque um corte errado pode comprometer o visual final. Uma orientação bastante usada por artesãos é utilizar fita crepe ou fita de pintor como guia para marcar a linha de corte, principalmente quando se deseja uma franja reta, diagonal ou em formato de “V”. Também é possível usar régua, fita métrica ou um fio-guia preso na altura desejada para ajudar a manter o alinhamento.

A tesoura precisa estar bem afiada. Tesouras cegas mastigam o fio, deixam pontas irregulares e podem dar à peça uma aparência descuidada. Em trabalhos artesanais, pequenos detalhes fazem muita diferença. Uma franja

cortada de forma limpa valoriza toda a peça; uma franja desigual pode tirar a atenção dos nós bem executados. Por isso, o corte deve ser feito aos poucos. É melhor aparar em pequenas etapas do que cortar demais de uma só vez e não conseguir corrigir depois.

Também é importante cortar a franja com a peça na posição correta. Um erro comum é aparar os fios com o trabalho deitado sobre a mesa e só depois pendurá-lo. Quando a peça fica suspensa, os fios se acomodam de outra forma, e aquilo que parecia reto pode ficar torto. Em painéis de parede, por exemplo, o ideal é pendurar a peça, alinhar os fios com as mãos, pentear novamente e só então cortar. O acabamento deve respeitar o caimento natural do material.

A franja pode ter diferentes formatos. A franja reta transmite uma sensação mais simples, limpa e organizada. A franja diagonal cria movimento e pode combinar com peças assimétricas. A franja em “V” é bastante usada em painéis decorativos porque direciona o olhar para o centro da peça. Já a franja arredondada exige mais cuidado e costuma ser indicada quando o aluno já tem mais segurança no corte. Para iniciantes, o mais recomendado é começar por formatos simples, como o reto ou o “V” marcado com fita.

Nem toda peça de macramê precisa terminar com franja. Em alguns projetos, o acabamento pode ser feito com nó simples, nó barril, nó de agrupamento, contas de madeira, tasséis ou outros arremates. Alguns guias de finalização mostram alternativas para terminar peças sem deixar fios soltos, como nós estruturados e terminações com contas, especialmente quando se deseja um estilo mais minimalista ou moderno.

O nó de agrupamento é uma opção muito útil quando se deseja reunir vários fios em um ponto só. Ele aparece bastante em suportes para plantas, chaveiros, alças e partes superiores ou inferiores de peças funcionais. Além

de bonito, ele ajuda a organizar os cordões e cria uma transição limpa entre uma parte da peça e outra. Porém, deve ser feito com firmeza, especialmente quando tem função estrutural. Em uma peça decorativa, ele pode ser usado principalmente como detalhe; em uma peça funcional, também pode contribuir para a segurança.

As contas de madeira são outro recurso de personalização muito usado no macramê. Elas podem ser aplicadas em painéis, chaveiros, suportes para plantas e acessórios. Antes de usá-las, o aluno precisa verificar se o furo da conta é compatível com a espessura do cordão. Esse detalhe parece pequeno, mas evita frustração. Muitas vezes, a conta é bonita, mas o fio não passa por ela; em outras, a conta fica larga demais e escorrega. Quando bem escolhidas, as contas acrescentam textura, contraste e identidade visual à peça.

A personalização também pode acontecer pela escolha das cores. O macramê tradicional é muito associado ao algodão cru, bege, branco, areia e tons naturais. No entanto, é possível trabalhar com fios coloridos, combinações de tons, detalhes tingidos ou peças monocromáticas mais modernas. O importante é que a cor esteja de acordo com a proposta da peça. Um painel para decoração infantil pode receber cores suaves ou alegres. Um suporte para plantas pode ficar bonito em tons naturais. Um chaveiro pode usar cores mais fortes para chamar atenção.

O tingimento é uma possibilidade interessante, mas deve ser tratado com cuidado no curso básico. O aluno pode conhecer a ideia de tingir fios ou franjas, mas precisa entender que cada fibra reage de uma forma. O algodão, por exemplo, costuma aceitar melhor alguns tipos de tingimento do que materiais sintéticos. Além disso, uma peça tingida pode manchar se não for bem fixada ou lavada corretamente. Por isso, para iniciantes, a

recomendação é começar com fios já coloridos ou fazer testes pequenos antes de aplicar cor em uma peça pronta.

Outro caminho de personalização está na escolha do suporte. Em painéis decorativos, o aluno pode usar bastões de madeira, galhos tratados, argolas, aros metálicos ou estruturas geométricas. Cada suporte cria uma sensação diferente. Um galho irregular dá aparência rústica e natural. Um bastão reto transmite mais organização e simetria. Uma argola pode deixar a peça mais delicada ou moderna. A escolha do suporte deve combinar com o tipo de nó, o tamanho da peça e o ambiente onde ela será usada.

A personalização, porém, não deve comprometer a estrutura. Esse é um ponto fundamental. Às vezes, o aluno deseja acrescentar muitas contas, misturar cores, usar fios diferentes e criar franjas volumosas na mesma peça. O resultado pode ficar carregado e, em alguns casos, perder firmeza. Personalizar não significa colocar tudo o que se gosta em um único trabalho. Significa escolher detalhes que valorizem a peça sem prejudicar sua função e sua harmonia.

Em peças funcionais, como suportes para plantas, a atenção deve ser ainda maior. Um detalhe decorativo não pode atrapalhar o encaixe do vaso, enfraquecer a base ou criar desequilíbrio. Se forem usadas contas, elas precisam estar bem-posicionadas. Se houver franja, ela não deve interferir na sustentação. Se o suporte receber tingimento ou materiais adicionais, é preciso garantir que a peça continue segura. A beleza precisa caminhar junto com a utilidade.

O acabamento também envolve correção de pequenos erros. Antes de finalizar, o aluno deve observar a peça de frente, de lado e, se possível, pendurada. Deve procurar nós muito frouxos, fios torcidos, diferenças de altura, pontas escondidas de forma inadequada e partes desalinhadas. Alguns ajustes podem ser feitos manualmente, puxando levemente os cordões e

reorganizando os nós. Outros exigem desfazer uma pequena parte e refazer. Essa decisão faz parte do amadurecimento artesanal.

Um erro comum é achar que corrigir significa fracassar. Na verdade, corrigir é parte natural do processo. Todo trabalho manual passa por revisão. Um artesão cuidadoso não é aquele que nunca erra, mas aquele que percebe o erro e decide se ele pode ser ajustado, incorporado ao estilo da peça ou precisa ser refeito. No macramê, essa revisão é especialmente importante porque os fios revelam o caminho das mãos. Quando há pressa, a peça mostra.

A apresentação final também merece atenção. Se o objetivo é vender, presentear ou fotografar a peça, ela precisa estar limpa, alinhada e bem iluminada. Fios soltos devem ser retirados. A franja deve ser penteada novamente. O suporte deve estar sem poeira. A peça deve ser pendurada de forma adequada para que seu caimento apareça. Uma fotografia feita com cuidado pode valorizar o trabalho e mostrar detalhes que o cliente ou observador talvez não perceba de imediato.

Para quem está aprendendo, uma boa prática é comparar duas versões da mesma peça: uma sem acabamento cuidadoso e outra finalizada com calma. Essa comparação revela como o acabamento muda a percepção do trabalho. Muitas vezes, os nós são os mesmos, o material é o mesmo, mas a peça finalizada com franja aparada, fios alinhados e detalhes bem escolhidos parece muito mais profissional.

Como atividade prática, o aluno pode pegar uma amostra ou peça simples já produzida, como um pequeno painel, chaveiro ou suporte decorativo, e aplicar três etapas de acabamento. Primeiro, deve revisar os nós e alinhar os fios. Depois, deve escolher um tipo de franja ou arremate. Por fim, deve acrescentar um elemento de personalização, como uma conta, uma pequena mudança de cor, um corte em formato específico ou um detalhe no

suporte. O objetivo não é enfeitar demais, mas perceber como uma escolha bem-feita valoriza o conjunto.

Ao final desta aula, espera-se que o aluno compreenda que acabamento é cuidado, não apenas decoração. Franjas, cortes, contas, nós finais e escolhas de cor devem ser feitos com intenção. Cada detalhe comunica algo sobre a peça e sobre quem a produziu. Quando o acabamento é bem executado, o macramê ganha leveza, identidade e qualidade visual.

A principal mensagem desta aula é que o final também faz parte do começo. Uma peça bem-acabada mostra que o aluno planejou, executou e revisou seu trabalho. O acabamento não apaga falhas graves, mas valoriza tudo o que foi feito com atenção. No macramê, os últimos gestos são aqueles que entregam a peça ao mundo. Por isso, devem ser feitos com calma, sensibilidade e respeito ao trabalho das próprias mãos.

### **Referências bibliográficas**

BOCHIKNOT. Sete formas de iniciar e finalizar um painel de macramê. Bochiknot.

BOCHIKNOT. Guia para criar franjas de macramê bem finalizadas. Bochiknot.

MARCHING NORTH. Como cortar franjas retas de macramê. Marching North.

ISABELLA STRAMBIO. Como cortar a franja perfeita no macramê. Isabella Strambio.

MY MUM THE DREAMER. Nós de acabamento para finalizar cordões de macramê. My Mum The Dreamer.

## **Aula 9 — Produção artesanal, precificação inicial e cuidados com venda**

Chegar à produção de uma peça de macramê com intenção de venda é um passo importante para o aluno iniciante. Até aqui, o curso trabalhou os nós básicos, o planejamento da peça, a leitura de padrões, a montagem de painéis, o suporte para plantas e os acabamentos. Agora, a proposta é olhar para o macramê também como uma produção artesanal organizada, que pode gerar renda, encomendas, lembranças personalizadas ou pequenos produtos para feiras, redes sociais e lojas colaborativas.

É importante começar esta aula com uma ideia simples: vender artesanato não significa apenas fazer uma peça bonita e colocar preço. A venda começa muito antes, no cuidado com o material, na escolha do modelo, na regularidade dos nós, na limpeza do acabamento e na forma como o artesão apresenta o próprio trabalho. O artesanato brasileiro é reconhecido por sua diversidade cultural e também por seu potencial econômico; o Programa do Artesanato Brasileiro destaca ações voltadas à valorização do artesão, à geração de oportunidades de trabalho e renda e à profissionalização da comercialização dos produtos artesanais.

No caso do macramê, essa profissionalização começa no domínio do básico. Um chaveiro, um pequeno painel ou um suporte para plantas podem parecer peças simples, mas, quando são vendidos, precisam ser entregues com cuidado. O cliente não avalia apenas se o nó está correto; ele observa se a peça está limpa, se a franja está bem aparada, se o tamanho corresponde ao combinado, se a cor é a esperada, se o produto é resistente e se o acabamento transmite confiança.

O primeiro passo para produzir com mais organização é criar peças-piloto. A peça-piloto é uma primeira versão do produto, feita para testar tamanho, consumo de fio, tempo de execução, dificuldade técnica e acabamento. Antes de aceitar uma encomenda de dez suportes para plantas, por exemplo, o artesão precisa produzir um modelo completo, medir quanto cordão foi usado, registrar quanto tempo levou e verificar se o resultado pode ser repetido com qualidade. Sem esse teste, a venda pode se transformar em prejuízo ou em uma entrega estressante.

A peça-piloto também ajuda a criar uma ficha de produto. Essa ficha pode ser simples, feita em um caderno ou planilha. Ela deve registrar o nome da peça, o tipo de fio utilizado, a metragem aproximada, o suporte usado, os nós aplicados, o tempo de produção, o custo do material, o preço sugerido e observações sobre acabamento. Com o tempo, esse registro se torna uma espécie de memória do artesão. Ele evita que cada encomenda precise ser calculada do zero.

A organização da produção é outro ponto essencial. O Sebrae Minas orienta que, nos negócios de artesanato, organizar ferramentas e materiais por tipo, cor, modelo, tamanho e formato contribui para aumentar a produtividade; também recomenda que o local de trabalho seja arejado e iluminado, favorecendo o bem-estar de quem produz. No macramê, essa orientação faz muito sentido. Fios embolados, tesoura sem corte, argolas misturadas e falta de espaço para pendurar a peça prejudicam o ritmo e aumentam a chance de erro.

Quando o aluno começa a produzir mais de uma unidade, precisa pensar em padronização. Isso não significa retirar o caráter artesanal da peça. Uma peça feita à mão sempre terá pequenas marcas de singularidade. Porém, se o cliente encomenda três chaveiros iguais, eles precisam ter tamanho

semelhante, cor parecida, nós bem distribuídos e acabamento compatível. A identidade artesanal não deve ser confundida com descuido.

A produção em pequena escala também exige controle de estoque. O aluno pode separar os fios por espessura, cor e tipo de material. Também pode registrar quantas argolas, contas de madeira, bastões e embalagens possui. Esse cuidado evita aceitar uma encomenda sem ter material suficiente. Também ajuda a calcular o custo real da peça, pois o artesão passa a saber quanto consome em cada produto.

A precificação é uma das maiores dificuldades para quem está começando. Muitos iniciantes calculam apenas o valor do cordão e esquecem outros elementos importantes. O preço de uma peça artesanal deve considerar matéria-prima, tempo de produção, mão de obra, embalagem, custos de venda, deslocamento, taxas de plataformas, margem de lucro e possíveis perdas de material. O Sebrae orienta que, para precificar corretamente um produto, é necessário conhecer o custo da matéria-prima, o tempo de produção, os custos de distribuição, a mão de obra e outros gastos envolvidos.

No macramê, o tempo de produção precisa ser valorizado. Um painel pode usar pouco material, mas exigir várias horas de trabalho. Um suporte para plantas pode parecer simples, mas demandar medição cuidadosa, teste de equilíbrio e acabamento seguro. Se o artesão cobra apenas pelo fio, está deixando de considerar sua habilidade, seu tempo e sua dedicação. Esse erro é comum e, com o tempo, causa desânimo, porque a pessoa trabalha muito e sente que não tem retorno.

Uma forma simples de começar a precificar é separar os custos em partes. Primeiro, calcula-se o material direto: cordão, argola, bastão, contas, embalagem e etiqueta, quando houver. Depois, calcula-se o tempo de trabalho. O aluno pode definir um valor por hora de produção e multiplicar

pelo tempo gasto. Em seguida, acrescenta uma margem de lucro, que permitirá reinvestir em materiais, melhorar ferramentas e manter a atividade. O Sebrae também destaca a importância de contabilizar despesas fixas e variáveis e respeitar a margem definida para que o negócio não venda com prejuízo.

É importante explicar ao aluno que preço baixo nem sempre vende melhor. Às vezes, vender muito barato atrai clientes, mas torna a produção insustentável. O artesão passa horas trabalhando, compra novos materiais, embala, entrega e, no final, percebe que quase não sobrou nada. Por outro lado, preço alto sem qualidade também não se sustenta. O equilíbrio está em oferecer uma peça bem-feita, com acabamento cuidadoso, comunicação clara e preço coerente com o trabalho envolvido.

A comunicação com o cliente é parte da venda. Antes de aceitar uma encomenda, o artesão precisa confirmar tamanho, cor, modelo, prazo, forma de pagamento, local de entrega e cuidados de uso. Em peças funcionais, como suportes para plantas, também é importante perguntar sobre o tamanho aproximado do vaso e orientar que a peça deve ser usada com peso compatível. Um suporte criado para vaso pequeno não deve ser vendido como se servisse para qualquer vaso.

Outro cuidado importante é não aceitar encomendas maiores do que a capacidade de produção. O aluno iniciante pode se animar ao receber vários pedidos, mas precisa avaliar se conseguirá entregar tudo com qualidade e dentro do prazo. Aceitar mais do que consegue produzir gera atraso, cansaço e queda no acabamento. É melhor começar com poucas unidades, entregar bem e aumentar gradualmente.

A apresentação da peça também influencia a venda. Em lojas virtuais, redes sociais ou aplicativos de mensagem, o cliente não pode tocar no produto. Por isso, as fotos precisam mostrar a peça com clareza. O Sebrae

recomenda que, na venda de artesanato pela internet, o produto seja apresentado com fotos bem-produzidas, diferentes ângulos, recurso de aproximação e informações detalhadas para reduzir dúvidas antes da compra.

No caso do macramê, boas fotos devem mostrar o tamanho da peça, o detalhe dos nós, a textura do fio, a franja, o suporte e, quando possível, o produto em uso. Um painel pode ser fotografado em uma parede clara, com boa luz natural. Um suporte para plantas pode ser mostrado com um vaso leve, bem centralizado. Um chaveiro pode aparecer próximo a uma chave ou sobre uma superfície neutra, para dar noção de escala.

A descrição do produto deve ser honesta. O artesão pode informar que a peça é feita manualmente, indicar medidas aproximadas, material utilizado, cor, tipo de uso e cuidados básicos. Também pode explicar pequenas variações naturais do produto artesanal. Essa transparência evita reclamações e ajuda o cliente a compreender o valor da peça.

A embalagem é outro ponto que merece atenção. Ela protege a peça, valoriza a entrega e demonstra cuidado. Para produtos enviados a distância, o Sebrae orienta o uso de embalagens resistentes, pois o artesanato precisa chegar inteiro e intacto ao cliente, especialmente quando passa por transporte. No macramê, a embalagem deve evitar que a franja amasse demais, que os fios sujem ou que a peça chegue embolada. Uma embalagem simples, limpa e bem-organizada já faz diferença.

Também é interessante incluir uma pequena orientação de uso. Em um suporte para plantas, por exemplo, o cliente pode receber uma mensagem informando que deve verificar o gancho de fixação, evitar peso excessivo e proteger o fio de umidade constante, dependendo do material. Em painéis, pode-se orientar que a franja seja penteada suavemente, se necessário. Esses cuidados aumentam a durabilidade da peça e demonstram profissionalismo.

A venda presencial tem outras exigências. Em feiras, bazares ou eventos, o produto precisa estar bem exposto. As peças devem estar limpas, com preços visíveis ou facilmente informados, e o artesão precisa saber explicar o processo de produção. O Sebrae Minas destaca que o contato com o artesão e as informações sobre a história dos produtos são importantes na comercialização, pois a compra de artesanato está ligada às preferências do consumidor e à singularidade das peças.

Essa história não precisa ser longa ou exagerada. Pode ser algo simples: “esta peça foi feita com cordão de algodão, usando nó quadrado e nó espiral, indicada para vaso pequeno” ou “este painel foi pensado para decoração de quarto, com franja em formato de V”. Quando o artesão sabe falar sobre seu produto, transmite confiança e ajuda o cliente a perceber que não está comprando apenas um objeto, mas uma peça feita com técnica e intenção.

O aluno também deve aprender a lidar com personalizações. Cores, tamanhos, detalhes com contas e tipos de franja podem ser adaptados, mas cada alteração interfere no tempo, no custo e na dificuldade. Por isso, nem toda personalização deve ser oferecida sem ajuste de preço. Um painel maior usa mais fio e leva mais tempo. Uma cor específica pode exigir compra de material. Um prazo curto pode gerar necessidade de reorganizar a produção. Tudo isso deve ser conversado antes.

Um erro comum é aceitar mudanças depois que a peça já está quase pronta. O cliente pede outra cor, mais comprimento, outra franja ou outro suporte, e o artesão tenta adaptar para agradar. Em alguns casos, isso é possível; em outros, significa refazer o trabalho. Para evitar conflitos, o ideal é confirmar todos os detalhes antes de iniciar e, se possível, registrar a encomenda por mensagem.

Outro erro frequente é não calcular perdas. No macramê, sobras de fio, cortes errados, testes, amostras e peças refeitas fazem parte da produção. Esses pequenos desperdícios também entram no custo do trabalho. Se o artesão não considera isso, paga do próprio bolso pelos erros naturais do processo. A ficha de produto ajuda justamente a perceber quanto material realmente foi consumido.

O cuidado com qualidade deve estar presente antes da entrega. O aluno deve revisar a peça pronta: os nós estão firmes? A franja está alinhada? Há fios soltos demais? A peça está limpa? O suporte está adequado? A embalagem protege o produto? Essa revisão final reduz problemas e ajuda a criar um padrão de qualidade.

Para quem deseja transformar o macramê em uma atividade de renda, também é importante continuar estudando. O Sebrae Minas recomenda capacitação, atenção às tendências, design diferenciado e análise da viabilidade econômica do negócio artesanal. No contexto do curso básico, isso significa que o aluno não deve parar nos primeiros modelos. Ele pode melhorar acabamentos, testar novos materiais, aprender padrões intermediários e observar o que o público valoriza.

Ao final desta aula, espera-se que o aluno compreenda que vender uma peça de macramê exige mais do que habilidade manual. É necessário planejar, registrar custos, valorizar o tempo de trabalho, comunicar-se bem com o cliente, cumprir prazos e entregar uma peça segura e bem-acabada. A produção artesanal pode ser afetiva, criativa e prazerosa, mas, quando envolve venda, também precisa de responsabilidade.

Como atividade prática, o aluno deverá escolher uma peça simples que já saiba produzir, como chaveiro, painel pequeno ou suporte para plantas. Em seguida, deverá montar uma ficha de produto com nome da peça, materiais utilizados, tempo aproximado de produção, custo estimado, preço

sugerido, cuidados de uso e forma de apresentação para venda. Depois, deverá refletir se o preço definido cobre material, tempo, embalagem e margem de ganho.

A principal mensagem desta aula é que o valor do macramê não está apenas no fio, mas no trabalho das mãos, no tempo dedicado, no olhar cuidadoso e na capacidade de transformar materiais simples em peças úteis e bonitas. Quando o aluno aprende a produzir, precificar e vender com consciência, passa a respeitar mais o próprio trabalho e a oferecer ao cliente uma peça artesanal com qualidade, identidade e confiança.

### **Referências bibliográficas**

BRASIL. Programa do Artesanato Brasileiro. Portal Empresas & Negócios.

SEBRAE. Cinco passos para precificar corretamente um produto.

SEBRAE. Oito dicas para vender artesanato pela internet.

SEBRAE MINAS. Negócios de artesanato: dicas de sucesso.

SEBRAE. Precificação no artesanato.

## Estudo de caso — Módulo 3

### “A encomenda de Júlia: quando beleza, segurança e preço precisam caminhar juntos”

Júlia terminou os dois primeiros módulos do curso de macramê bastante animada. Ela já conseguia fazer nó cabeça de cotovia, nó simples, nó quadrado e nó espiral, além de interpretar padrões simples e montar pequenos painéis. Ao chegar ao módulo 3, decidiu produzir uma peça funcional: um suporte para plantas em macramê. A ideia era presentear uma amiga e, quem sabe, começar a vender algumas unidades.

Ela escolheu um cordão de algodão cru, uma argola metálica e um vaso de cerâmica que tinha em casa. Como já havia feito painéis decorativos, imaginou que o suporte seria apenas uma variação com fios mais longos. Esse foi o primeiro engano. Diferente do painel, que tem função principalmente visual, o suporte para plantas precisa sustentar peso, manter equilíbrio e garantir segurança. Guias práticos de macramê indicam que suportes para plantas geralmente começam com cordões presos em argolas ou anéis e depois são divididos em grupos para formar laterais, nós decorativos e a base de sustentação do vaso.

Empolgada, Júlia cortou os fios sem medir com precisão. Ela usou a medida aproximada de outro projeto, achando que seria suficiente. No meio da produção, percebeu que alguns cordões estavam ficando curtos. Para tentar compensar, reduziu o número de nós e deixou espaços maiores entre as amarrações. O suporte até ficou bonito quando pendurado vazio, mas, ao colocar o vaso, a peça inclinou para um lado.

O erro principal foi não calcular o comprimento dos fios considerando a função da peça. No macramê, os nós consomem cordão, e peças como suportes para plantas exigem fios mais longos porque precisam formar a alça superior, as laterais, a base e o acabamento inferior. Uma orientação comum em projetos de macramê é estimar o cordão a partir do tamanho final desejado, acrescentando sobra para nós, franjas e ajustes.

Outro problema apareceu na base do suporte. Júlia fez os nós laterais em alturas diferentes. De um lado, a sequência de nó espiral ficou mais curta; do outro, ficou mais longa. Quando o vaso foi encaixado, o peso não se distribuiu igualmente. O vaso escorregava para a parte mais baixa, deixando o conjunto instável. Esse tipo de erro é comum porque o aluno iniciante se concentra na beleza dos nós, mas esquece de comparar as medidas de cada grupo durante a execução.

Para corrigir, Júlia refez a peça com uma postura mais cuidadosa. Primeiro, escolheu um vaso menor e mais leve para o teste. Depois, cortou todos os fios com a mesma medida, deixando uma margem de segurança. Separou os cordões em grupos iguais e marcou, com fita métrica, a altura em que cada sequência de nós deveria começar e terminar. A cada etapa, pendurava a peça e observava se as laterais estavam equilibradas.

O segundo desafio surgiu no acabamento. Júlia queria uma franja bonita e volumosa na parte inferior. Porém, ao terminar o suporte, cortou os fios com a peça deitada sobre a mesa. Quando pendurou o trabalho, percebeu que a franja ficou torta. Alguns fios pareciam mais curtos, outros caíam de forma desigual. A peça estava tecnicamente mais segura, mas o acabamento passava a impressão de pressa.

A correção foi simples: ela aprendeu a aparar a franja com a peça pendurada. Primeiro alinhou os fios com as mãos, depois penteou cuidadosamente as pontas e só então fez pequenos cortes, sem retirar muito

material de uma vez. Essa etapa mostrou que o acabamento não serve apenas para “embelezar”; ele comunica cuidado. Guias de acabamento em macramê destacam que franjas, nós de agrupamento, contas e outras formas de arremate modificam a aparência final e precisam ser escolhidos de acordo com o estilo e a função da peça.

Depois de postar uma foto do suporte pronto, Júlia recebeu sua primeira encomenda: cinco suportes iguais para decorar uma varanda. Feliz com o pedido, aceitou rapidamente e cobrou um valor baixo, considerando apenas o preço do cordão. Ela não incluiu na conta a argola, a embalagem, o tempo de produção, a energia, os testes, as sobras de material nem a possibilidade de refazer alguma unidade.

Durante a produção, percebeu que cada suporte levava muito mais tempo do que imaginava. Além disso, a cliente informou depois que usaria vasos de tamanhos diferentes. Júlia precisou adaptar medidas, refazer uma das peças e comprar mais cordão. Ao final, entregou a encomenda, mas teve pouco lucro e muito desgaste.

Esse erro é bastante comum entre artesãos iniciantes. O Sebrae orienta que o preço de um produto artesanal deve considerar matéria-prima, mão de obra, embalagem, transporte, energia elétrica, comissão de venda e outros custos envolvidos, para que o valor final garanta lucro e sustentabilidade ao negócio. O Programa do Artesanato Brasileiro também destaca a valorização do artesão e o desenvolvimento profissional, social e econômico da atividade artesanal, reforçando que o artesanato deve ser tratado com organização e reconhecimento.

Após essa experiência, Júlia criou uma ficha de produto. Nela, passou a anotar o nome da peça, tipo de fio, metragem usada, tamanho indicado de vaso, tempo médio de produção, custo dos materiais, preço sugerido, cuidados de uso e prazo de entrega. Também decidiu que, antes de

aceitar novas encomendas, perguntaria ao cliente o tamanho e o peso aproximado do vaso, o local de uso e a cor desejada.

### **Erros comuns observados no caso**

O primeiro erro foi tratar uma peça funcional como se fosse apenas decorativa. O suporte para plantas precisa ser bonito, mas também deve sustentar peso com equilíbrio e segurança.

O segundo erro foi cortar os fios sem planejamento. Como os nós consomem cordão, a falta de margem comprometeu o tamanho e obrigou Júlia a mudar o desenho durante a execução.

O terceiro erro foi não medir as laterais. Em suportes para plantas, pequenas diferenças de altura fazem o vaso inclinar.

O quarto erro foi testar a peça apenas no final. O ideal é testar o encaixe do vaso durante a construção, antes do nó inferior definitivo.

O quinto erro foi cortar a franja com a peça deitada. O caimento muda quando o suporte fica pendurado, por isso o acabamento deve ser ajustado na posição real de uso.

O sexto erro foi aceitar encomenda sem ficha técnica. Sem registrar material, tempo e medidas, Júlia não conseguiu repetir a peça com segurança.

O sétimo erro foi precificar apenas pelo valor do fio. O trabalho artesanal envolve custo de material, tempo, acabamento, embalagem, perdas e margem de lucro.

### **Como evitar esses erros**

Antes de iniciar um suporte para plantas, escolha um vaso leve para teste e defina o tamanho da peça. Não comece diretamente com vasos grandes ou pesados.

Corte os fios com sobra. É melhor reaproveitar pequenas sobras depois do que faltar cordão antes da finalização.

Divida os fios em grupos iguais e meça cada lateral. Use fita métrica para conferir se os nós estão na mesma altura.

Teste o suporte antes de finalizar. Coloque um vaso vazio ou objeto leve, observe o equilíbrio e só depois faça o nó inferior definitivo.

Faça o acabamento com a peça pendurada. Penteie a franja, observe o caimento e corte aos poucos.

Crie uma peça-piloto antes de vender. Ela ajuda a calcular tempo, material, dificuldade e preço.

Monte uma ficha de produto. Registre materiais, medidas, tempo de produção, custo, preço sugerido e cuidados de uso.

Confirme todos os detalhes com o cliente antes de iniciar: tamanho, cor, prazo, peso aproximado do vaso e local onde a peça será usada.

### **Proposta prática para o aluno**

O aluno deverá simular uma encomenda de três suportes para plantas em macramê. Antes de produzir, deverá preencher uma ficha com as seguintes informações: tamanho aproximado da peça, tipo de cordão, quantidade estimada de fio, tamanho indicado do vaso, nós utilizados, tempo previsto, custo dos materiais, preço sugerido e orientações de uso.

Depois, deverá produzir uma peça-piloto e responder:

O vaso ficou bem encaixado?

As laterais ficaram com a mesma medida?

A base sustentou o vaso sem inclinar?

O nó inferior ficou firme?

A franja foi cortada com a peça pendurada?

O preço calculado considera material, tempo, embalagem e margem de lucro?

### **Conclusão do estudo de caso**

A experiência de Júlia mostra que o módulo 3 é o momento em que o aluno começa a unir técnica, acabamento e responsabilidade. O suporte para plantas ensina que uma peça funcional precisa ser testada. A aula de acabamentos mostra que os detalhes finais valorizam o trabalho. A aula de produção e venda revela que o artesanato também exige organização, cálculo e comunicação clara.

No macramê, cada nó tem uma função. Alguns decoram, outros sustentam, outros finalizam. Quando o aluno entende isso, deixa de produzir apenas pela aparência e passa a criar peças mais seguras, bonitas e conscientes. O erro de Júlia não foi querer vender cedo demais; foi não perceber que vender exige preparo. Ao corrigir o processo, ela aprendeu que o valor do artesanato está no cuidado completo: antes, durante e depois da peça pronta.